

TRADIÇÃO E INOVAÇÃO NO ESTUDO DA ANTIGUIDADE

Prof. Dr. José Remesal Rodríguez (JR)¹

Prof. Dr. Pedro Paulo Funari (PPF)²

Dr. Jorge Elices Ocón (JEO)³



Entrevista realizada em espanhol por Pedro Paulo Funari e Jorge Elices Ocón, transcrita por Jorge Elices Ocón e traduzida para o português por Filipe Noé Silva. A gravação foi realizada no dia 30 de novembro de 2020.

Link para o vídeo da entrevista: <https://www.youtube.com/watch?v=AVGc2--BgJs&feature=youtu.be&fbclid=IwAR0ZyZCB7UUE0FqrbE9ZtoCK5S1WVdXO9XL8P0hwGp9uEKQB1xNANjUAL3U>

(JEO): Acredito que a gravação já começou. Estamos reunidos de maneira virtual, mas bastante próximos, para mais uma entrevista da Revista Heródoto, na qual vamos contar com a presença do Professor José Remesal Rodríguez. Na verdade, esta é uma oportunidade magnífica para

¹ Professor Catedrático de História Antiga - Universidade de Barcelona, Barcelona, Espanha. E-mail: remesal@ub.edu

² Professor Titular - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil. E-mail: ppfunari@uol.com.br

³ Pós-doutorando, bolsista FAPESP - Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, Brasil. E-mail: jorge.elices.ocon@gmail.com

tratarmos de diversos temas. Também por isto, creio que será muito interessante. Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer-lhe, professor, pela disponibilidade e gentileza de participar e unir-se a este projeto, por aceitar com amabilidade o convite para esta entrevista.

(JR): É um prazer estar em contato com vocês e com os amigos brasileiros.

(JEO): Para que possamos iniciar, a entrevista será conduzida por mim, Jorge Elices Ocón, pós-doutorado da Universidade Federal de São Paulo, e pelo Professor Pedro Paulo Funari, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a quem passo a palavra neste momento para que ele possa apresentar as partes de nossa entrevista e iniciá-la. Está de acordo?

(JR): Sim, estou de acordo.

(PPF): Obrigado, Professor Remesal, por aceitar o convite da Revista *Heródoto*: é uma grande honra. Vou apresentá-lo de maneira muito breve. Sua trajetória se iniciou na Universidade Complutense de Madrid, onde também foi professor titular e depois chegou à Universidade de Barcelona, instituição na qual é catedrático de História Antiga. Sua ampla cooperação internacional estende-se pela Europa e por outros continentes, inclusive aqui, na América Latina, e no Brasil, onde também contribuiu para a formação de muitas pessoas. Deste modo, a ideia desta entrevista é explorar um pouco a questão da cooperação internacional em geral e, em particular, sua relação com o Brasil. A entrevista será dividida em três partes. Após uma breve apresentação de sua carreira, seguimos para os desafios atuais das investigações no campo acadêmico. Por fim, trataremos da cooperação entre Espanha e Brasil e do futuro das pesquisas. Ao revisitar uma carreira marcada por uma produção variada, com diferentes temas, gostaríamos que nos dissesse algo sobre o trabalho que mais o deixou satisfeito até o presente momento.

(JR): Eu não sei, pois gosto de tudo da minha profissão. Se estiver escrevendo um artigo, eu o redijo, o deixo, volto a escrever, faço correções e, enquanto não estiver contente com o que fiz, não envio para publicação. Vocês sabem que a maioria dos meus trabalhos estão relacionados com a economia e política no mundo romano por meio do estudo dos alimentos, em particular com o azeite bético. Dirigir as escavações do Monte Testaccio, em Roma, sem dúvida é uma grande honra. Porém, talvez, um trabalho que particularmente me satisfaz é o estudo do testamento de um

membro da tribo dos Lingões⁴, um documento conhecido por meio de uma cópia do século X, registrada em pergaminho, e que se interpretava como uma inscrição. Creio ter contribuído para demonstrar que esta não era uma inscrição, mas a cópia de um documento latino que foi reproduzida várias vezes pelo fato de explicar como funcionava uma fundação. No século XI, as catedrais começaram a ter cônegos. No caso das fundações religiosas, a princípio *pro anima*, as pessoas doavam dinheiro às Igrejas e estas faziam o que bem quisessem com esses recursos. Quando foram criadas as *canonjías*⁵ nas catedrais, estas fundações passaram, digamos, a depender de um capelão, que era quem tinha a obrigação de celebrar os ritos correspondentes à memória dos mortos: para isso se criou uma renda da qual vivia o capelão. É um sistema que no Direito Romano, acredito, o único documento de que dispomos é esta inscrição, este testamento do membro da tribo dos Lingões e o seu estudo demonstrou juridicamente essas condições. Além do mais, também me permitiu dar um passo à frente sobre o personagem, que não sabemos com precisão quem é, mas que me permitiu fazer um estudo de prosopografia romana interessante e que me divertiu bastante.

(PPF): Sim. Inclusive, este estudo foi bastante lido aqui Brasil. E foi muito bom porque ajudou a difundir por aqui este método de investigação.

(JEO): Reconhecendo sua longa trajetória com trabalhos, artigos, publicações e projetos, e pensando que o futuro está aí à frente, gostaríamos de saber: Quais projetos você tem em mente? Que ideias estão a fervilhar em sua cabeça? Quais temas ainda faltam para trabalhar ou para serem revisitados?

(JR): Contam sobre um personagem espanhol, um professor, que quando se aposentou foi perguntado: *E agora? O que pretende fazer?* E ele disse: *Tenho trabalho até os noventa e dois anos.* Ele realmente viveu até os noventa e dois anos e terminou o trabalho que desejava terminar. Quanto a mim, planejei trabalhar até completar 125 anos.

(JEO): Maravilha!

⁴ Remesal, J. *In perpetuum dicitur*: Un modelo de fundación en el Imperio Romano. *Sex. Iulius Frontinus, Iulius Sabinus y el estamento del Lingón* (CIL XIII 5708), *Gerión* 13 (1995) 99-126.

⁵ A *canonjía*, s.f., seria uma remuneração paga ao funcionário religioso pela realização de eventuais funções ou serviços. No sentido coloquial, a *canonjía* carrega o sentido de alta remuneração para pouco trabalho.

(JR): Se há interesse naquilo que te ocupa, então tens o que fazer. Neste momento, estou preparando uma edição de revisão do CIL XV-II, de materiais do Testaccio, escavados e estudados por Heinrich Dressel, e isso me possibilitou fazer uma biografia deste estudioso. Ao fazer isto, fiquei interessado no pai de Dressel. Seu pai foi filólogo e teve um papel importante nos estudos sobre os Pais da Igreja e sua edição. Ao final, à sombra do pai, está toda a contraposição entre o racionalismo católico e o racionalismo protestante na Alemanha. Por trás disso, naturalmente, está quem e como se aproveitam os textos dos Pais da Igreja. Neste momento, neste fundo de racionalismo, está o Primeiro Concílio Vaticano e também a Guerra Franco-Prussiana. Também está o que nos interessa em específico: o estudo das relações de poder, digamos, intelectual, social e político, por consequência, o embate entre as culturas francesa e alemã em Roma. Isto tem me ocupado bastante neste momento e não sei por quanto tempo mais. Estou em outros trabalhos, tenho um livro no prelo sobre um militar do século XIX. Entendo que um historiador não deve ser, como dizem os alemães, um *Fachsimpeln*, um especialista que só sabe sobre um único tema. O método histórico, a análise hermenêutica de um texto, pode ser aplicado a um texto romano ou contemporâneo. Portanto, creio ter interesses bem abertos e é por eles que eu tenho seguido. Também tenho algumas coisas de historiografia do século XVIII para publicar. E assim os temas vão surgindo.

(JEO): Como disse o professor Funari, você já tem uma trajetória muito longa. De uma pequena cidade andaluz, passando pela Complutense de Madrid até chegar, posteriormente, à cátedra na Universidade de Barcelona. Também já passou por vários países, como Alemanha, Reino Unido, França e Itália, onde pôde aprender e também deixar sua marca. No que se refere aos âmbitos acadêmico e profissional, gostaríamos de saber: Qual é a sua opinião sobre a relação entre centro e periferia no mundo acadêmico?

(JR): Acredito que com as novas tecnologias, muitas coisas mudaram. Até pouco tempo atrás, teríamos que ir a Roma, Heidelberg ou Oxford porque era lá onde estavam as boas bibliotecas em que se podiam encontrar todos os livros. Hoje em dia, graças às novas tecnologias, todos dispõem de um volume de informação superior ao de qualquer uma dessas bibliotecas que mencionei. Deste modo, de qualquer lugar do mundo, qualquer investigador interessado pode encontrar uma grande quantidade de documentos sem se levantar da sua cadeira. Isso, naturalmente, transformou as relações no sentido da facilidade do trabalho. Essas relações, porém, são necessárias porque só assim você pode reunir com

outras pessoas, conversar, discutir, conhecer seus modos de vida. É uma forma de interpretar e elaborar seu próprio conhecimento. Ainda é necessário viajar e conhecer outros colegas.

(JEO): Exatamente. As novas tecnologias estão abrindo caminho, justamente...

(JR): Às vezes de maneira negativa. Eu preferia visitá-los e estar com vocês.

(JEO): Eu estava pensando exatamente isto. Nos permite realizar esta entrevista de maneira virtual, por exemplo, mas não é a mesma coisa que a presença física, que é, obviamente, muito mais enriquecedora. O Professor Funari fará a pergunta nesta segunda parte da entrevista.

(PPF): Em relação à cooperação internacional, especificamente sobre a História Antiga, o estudo da Antiguidade, em geral, há centros mais antigos e hegemônicos como Oxford e Cambridge na Inglaterra, a Sorbonne e outras instituições na França, Heidelberg na Alemanha. Mesmo no Novo Mundo, com Yale e outras, digamos, mais tradicionais e antigas nos Estados Unidos. São, portanto, centros mais ricos e mais antigos. Por outro lado, há investigações que já há décadas se desenvolvem em outras universidades de outras partes do mundo. Não apenas, por exemplo, na Espanha, como em outros países e continentes, como também é o caso aqui na América Latina. Deste modo, como você compreende essa cooperação entre os investigadores de lugares mais tradicionais e hegemônicos em relação com todos os demais?

(JR): Falei um pouco sobre isso na pergunta anterior, mas creio que há algo a acrescentar, pelo menos foi isso que propus na Espanha e creio que vale a pena. Certamente, há lugares, centros onde nossa especialidade é mais desenvolvida. É evidente e você mencionou os lugares mais emblemáticos. Atualmente, como disse antes, temos a facilidade de acesso, graças aos sistemas telemáticos, a muita informação que antes estavam apenas nesses centros. No caso da Espanha, e creio que isso é válido para qualquer outro país, eu proporia que, em primeiro lugar, é preciso criar, desenvolver em seu próprio país o estudo da expressão. Um segundo passo necessário, acredito, é estar em contato com esses grandes centros, onde há investigadores reconhecidos, e aprender suas técnicas e métodos, participar e integrar-se a investigações e projetos internacionais que foram iniciados antes de nós por outros investigadores. Na terceira fase, teríamos de ser capazes de criar programas internacionais cujo centro, por assim dizer, seríamos nós. Sem querer pecar por vaidade, creio que com o grupo

CEIPAC⁶, conseguimos alcançar este terceiro nível. Criamos um centro (ou uma especialidade) que, apesar de outras equipes espanholas de investigação terem se aproximado, pouco a pouco conseguimos ser os mais representativos neste campo. Ainda há muito o que aprender com os demais e continuaremos trabalhando. Porém, são três passos, formar pessoas, estimular os jovens para que estudem fora e, em um segundo momento, e mesmo que já não sejam mais tão jovens, integrá-los a projetos internacionais criado por outros investigadores. A terceira tarefa seria a capacidade própria de criar novos projetos. E eu acredito que há muito potencial.

(PPF): Sim. Neste sentido, podemos passar à terceira parte que é específica sobre a cooperação entre Espanha em Brasil, mas, em geral, a cooperação entre Espanha e América Latina no sentido da formação dos quadros. Você teve alunos de diferentes continentes, como disse, do Oriente Médio, da África, Norte da África e particularmente da América Latina. Não apenas alunos, como também teve contato com gente já formada e que hoje é professor. Em relação a esses novos centros, de desenvolvimento mais recente, como você avalia as características e possíveis contribuições desses investigadores para além dos três pontos, das três fases que você mencionou? Como as perspectivas das pessoas que vêm de outros contextos podem ser interessantes, inovadoras, não apenas para nós, locais, mas também para uma perspectiva universal? Digo: para a ciência, porque a Antiguidade é um campo universal de investigação e não pertence a um país ou outro. O que você acha?

(JR): Como já disse noutra ocasião, creio que o melhor da Alemanha é sua grande tradição na investigação. Mas, o pior da Alemanha é esta mesma tradição. Isto significa que a mesma tradição que tem seus elementos positivos, de certo modo obriga as pessoas a seguirem investigando na mesma direção das pesquisas já realizadas, não? Um colega alemão me costumava dizer que lá todo mundo volta a Tácito, e estuda Tácito novamente ao invés de estudarem, como vocês fazem, outros temas que a investigação alemã não se interessou. Acredito e sempre gostei, como o Professor Funari bem sabe, que vocês tenham características bem ecléticas e que tenham, como também acontece aqui na Espanha, buscado encontrar seu próprio caminho: uns foram por um caminho, outros vão por outros. Ao contrário do aspecto negativo da tradição que já mencionei, essa condição possibilita que aqueles que começam as investigações se preocupem com o que dizem uns e outros. Creio que isso é muito positivo

⁶ Centro para o Estudo da Interdependência Provincial na Antiguidade Clássica, Universitat de Barcelona. Em: <http://ceipac.ub.edu/>

e permite que os ‘novos países’ a que você se referia, os recém-incorporados, possam oferecer perspectivas muito inovadoras. Esta, como vocês sabem, é a minha opinião.

(PPF): Me parece particularmente interessante a questão de como a tradição pode ser positiva e ao mesmo tempo negativa. Por outro lado, uma questão que me chama atenção em sua resposta é o fato de a contribuição pode vir do ponto de vista, de outros temas que, como o colega alemão te disse, um olhar sobre outros temas. Assim, neste caso, você considera que a situação específica brasileira e latino-americana pode ser interessante para a ciência universal em relação a isso? Você, que conhece bem os investigadores e as pesquisas da América Latina.

(JR): Em primeiro lugar, a investigação deve muito a você, Professor Funari, porque você um dos primeiros a abrir caminhos e os cumpriu muito bem o passo de enviar alunos para fora do país. Eles tiveram a oportunidade de entrar em contato com muita gente, como você mesmo já tinha feito. Acredito que isto seja muito interessante e envolve gente de âmbitos bastante distintos. Também penso que outra peculiaridade de vocês é quanto ao próprio conceito de História, na verdade História e Arqueologia, sobre os quais pesa a Antropologia dos Estados Unidos da América: ainda que eles chamem a si próprios de América, são um pouquinho menores que a América. Nos Estados Unidos, a Antropologia está bastante unida às pesquisas sobre os povos nativos e a História Antiga do próprio país. Creio que isto tem uma particular importância sobre toda a cultura americana, não? Porque, bom, foram eles quem fizeram uma proposta que separava, digamos, da tradição propriamente europeia. Creio que este ponto de partida é muito bom e pode comportar novidades e pode comportar também graves erros. Recordo de ter participado da defesa de uma tese, na qual eu disse discretamente ter outro método. Mas, em geral, creio que no Brasil e na Argentina, que são os países que melhor conheço, estão dando passos e abrindo perspectivas muito interessantes. Graças a você, ao contato que tive com seus alunos e outros colegas brasileiros, temos um projeto, não? Temos um projeto em aberto com a Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL/MG) no qual, por um lado, estudaremos o mundo antigo, a tradição e economia agrícola antigas e, por outro lado, colocaremos este conhecimento em contato com o mundo social atual⁷. Você sabe bem que este seria uma forma de promover a produção e consumo de vinho na região, e isso também me agrada.

⁷ Cf. *Projeto da UNIFAL promove turismo e cultura de Andradas*. Jornal Panorama, Andradas, MG. 19/03/2019. Disponível em: UNIFAL/MG.

(PPF): Obrigado! Jorge.

(JEO): Em relação à colaboração e intercâmbio de alunos, colaboração mútua em projetos, eu gostaria que você fizesse uma avaliação da evolução que tiveram os contatos e esse trabalho conjunto entre Espanha e Brasil em que você é protagonista. De que maneira ocorreu essa evolução até o momento e quais perspectivas se abrem para o futuro? O que podemos esperar dessa colaboração conjunta?

(JR): Não sou futurólogo! Não sei sobre o que acontecerá no futuro, mas posso dizer sobre o que fizemos até agora. Não apenas em nosso grupo, pois também há outras universidades espanholas em contato com universidades brasileiras. Porém, em nosso grupo, no qual o Professor Funari foi o provedor, sempre fomos abrindo perspectivas e fazendo com que os jovens (ou mais jovens que o Professor Funari e eu) começassem a participar de outros projetos, desenvolvessem suas próprias ideias. Além desse convênio com a Universidade de Alfenas, por exemplo, acabamos de publicar um livro em colaboração com a Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, sobre História das Mulheres⁸. Outros trabalhos se seguirão, espero.

(JEO): O Professor Funari está mostrando o livro.

(JR): Certo, mas há um pequeno defeito.

(PPF): Qual é o defeito?

(JR): Um pequeno defeito, acredito, de colocarem que a impressão foi feita em Barcelona, mas se trata de volume que é de vocês, cuja impressão foi feita por vocês.

(PPF): Sim, esta é a editora brasileira, da Universidade Federal do Paraná. Mas, faltou Curitiba, a capital.

(JR): Curitiba.

(PPF): Eu ia dizer, e estimulá-lo a dizer que este volume representa uma realização concreta. Uma realização concreta das novas gerações, pois foi

https://www.academia.edu/38583928/PROJETO_DA_UNIFAL_PROMOVE_TURISMO_E_CULTURA_DE_ANDRADAS_pdf. Acesso em: 20/01/2021.

⁸ Cf. Sanches, Manel Garcia; Garraffoni, Renata S. *Mulheres, gênero e estudos clássicos: um diálogo entre Espanha e Brasil*. Curitiba: Editora UFPR, 2020. Disponível em: <https://www.editora.ufpr.br/produto/409/mulheres-genero-e-estudos-classicos--um-dialogo-entre-espanha-e-brasil>

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.5, n.1 - 2020.1. p. 07-19

DOI: 10.34024/herodoto.2020.v5.11778

organizado por pessoas mais jovens e que se formaram sob essa cooperação. E o volume também colocou em colaboração as duas partes, a brasileira e a espanhola, não? Esta é uma questão sobre o futuro sobre o qual você disse que não sabemos nada. Mas, este também é um resultado do futuro, o passado do futuro, digamos. Era um momento do futuro e agora já está concretizado. Como temos a questão do tempo, e para que possamos nos aproximar do final: em relação ao tempo, de quando começou até agora, como você vê as transformações no campo da História Antiga? Porque nos anos de 1970, quando você começou, havia pouca repercussão de países como a Espanha na América Latina. Havia produções, basicamente, dos Estados Unidos, França e um pouco da Alemanha. Nos estudos da Antiguidade, se traduziam livros de Jerome Carcopino, Pierre Grimal ou Mikhail Rostovtzeff, que eram os autores lidos à época. Não havia traduções nem livros em espanhol por aqui. Deste modo, como você avalia esse panorama de transformações que ocorreu ao longo de sua vida?

(JR): Em primeiro lugar, vocês devem saber que na geração anterior à nossa, em História Antiga, havia apenas quatro cátedras em toda a Espanha. De modo que a massa crítica era muito limitada. Quando fui visitar o Professor Bogaert em Nimega, ao me apresentar, ele me cumprimentou e disse: da Espanha, eu não conheço mais que dois, você e um outro de corpo grande, que vai a todos os congressos e fala alemão como um frísio. Para os alemães, os frísios são os mais tolos do país, aqueles que se expressam da pior forma. Eu, então, respondi: Sim. O meu professor, José María Blázquez Martínez. Porque foi Blázquez quem deu o passo sobre o qual falávamos: fazer com que seus alunos estudassem em um, dois ou até três países estrangeiros. Outro mérito seu foi o de ir a todos os congressos. Certamente, foi a muitíssimos congressos e, independentemente do tema, sempre levava consigo a presença daquele mesmo tema na Espanha. Apresentava, por assim dizer, o que se sabia sobre determinado tema na Espanha. Em contrapartida, importava os conhecimentos do exterior, a literatura do exterior. De todo modo, eram apenas quatro cátedras em sua geração e nosso Theodor Mommsen foi o professor Blázquez. Enquanto seus alunos, tivemos a opção de estudar em dois ou três países. Outros tomaram conhecimento dessa mesma ideia e, nos dias atuais, a incidência de professores de História Antiga na Espanha aumentou bastante. Em decorrência desse aumento também há uma maior representatividade. Nessa massa, como em todos os lugares, há os excelentes, os bons, os regulares e aqueles não tão regulares assim. Bem, isso acontece no mundo todo. De qualquer forma, há um número, um conjunto muito superior ao que havia na década de 1970, e isso faz com

que as editoras tenham maior interesse em publicar livros de outros autores em espanhol porque haverá um maior público. Além disso, há o interesse em fazer seu nome e suas cifras. O que eu vejo na geração atual, talvez, é que o sistema político-científico que está se impondo exerce uma pressão muito grande e os jovens se veem submetidos a uma “*curriculite*” extrema, na qual se escreve muito, mas se pensa pouco. Vocês também conhecem a minha expressão sobre os “*Republicanos*”, que não é uma definição política, mas o nome dado àqueles que republicam, republicam e republicam. Lamentavelmente, é uma situação verídica e creio que seria preciso sentarmos com tranquilidade, cada um de nós, e refletir um pouco mais antes de aceitar esse sistema. Atualmente, estou lutando com todas as minhas forças contra os sistemas de avaliação dos projetos em função do lugar onde se publica: isso porque a maioria das revistas de qualidade são, na verdade, de autoqualificação, são revistas que se constituíram como de qualidade e que cobram pelo uso de sua documentação. Por exemplo: sei que a Universidade de Barcelona, neste ano, pagou pelo direito de usar revistas qualificadas, e privadas, mais de cinco milhões de euros. Sei que a Espanha, a ciência espanhola, em geral, pagou algo mais que cinquenta milhões de euros para poder ter acesso a essas revistas. Isso, à parte do custo para publicar nelas, pois eles também cobram. Quero dizer, estamos comprados. Estamos submetidos a um sistema tirânico em que o prestígio já não depende do autor, mas sim do lugar onde ele publica. Pode ser um bom autor, escrever muita coisa boa, mas se não publica nas revistas de renome não será considerado administrativamente, é claro. E como dependemos de dinheiro público, de verbas do Estado ou de fundações que adotam esse sistema, então estamos vendidos. Creio que estamos vendidos.

(PPF): Esta é uma análise que se aplica muito bem aqui ao Brasil, porque é algo universal essa questão da qualificação das revistas. É uma distorção muito grande. Uma última questão, antes de passarmos à conclusão com o Jorge, seria em relação aos idiomas. Acontece que você publicou muitas coisas, por exemplo, em inglês e alemão. De modo que, além dos leitores em castelhano, você também chega ao mundo anglo-saxão e até mesmo o francês, já que eles citam esses outros dois idiomas. A minha questão é: como você avalia a necessidade do uso de uma língua franca, que atualmente é o inglês, como um filtro? O idioma é um filtro importante?

(JR): Bom, é certo que há níveis de língua franca. Além do mais, você já conhece meu manifesto em defesa do multilinguismo científico⁹. Uma coisa é ir a um determinado lugar, falar, pedir algo para comer, beber, ter uma conversa, não? Outra coisa é a expressão do pensamento científico. E isso as pessoas só fazem bem em suas línguas maternas. Há muitos limites em relação às línguas aprendidas, pois a pessoa não conhece todo o vocabulário e nem a estrutura mental da outra língua. Portanto, creio que nos interessa um jogo duplo. É interessante publicar em outras línguas para que possam conhecer nossos trabalhos? Sim. Mas, ao mesmo tempo, nos interessa publicar em nossos próprios idiomas, pois é nele que temos a garantia de que aquilo que você escreve corresponde exatamente com aquilo que você pensa. É o seu idioma materno, ou suas línguas maternas, que configura sua *Weltanschauung*, sua concepção sobre o mundo. Em espanhol, por exemplo, costuma-se omitir o sujeito da frase quando está na primeira pessoa. É pouco elegante dizer “eu faço”, “eu como”, “eu escrevo”, “eu disse”, “eu, eu, eu”. Em alemão, no entanto, é obrigatório: o sujeito sempre precisa ser mencionado. Ou quando dizemos “em nossa opinião”, ou “nossa opinião”. Para nós está claro que é uma opinião individual e uma forma elegante de não dizermos “eu”, ou “na minha opinião”. Muitas vezes, vi alguns colegas alemães perguntando: “onde está o outro autor?” Claro, porque para a forma de seus pensamentos é diversa. Se eles disserem *wir*, nós, é porque há pelo menos dois. E nós somos capazes de dizer “nós” e sermos apenas um. Há uma história divertida sobre isso. Um professor de Salamanca disse ao titular e ao adjunto: “E amanhã, vamos a Madrid”. Quando foi subir no trem, chegou o assistente para ir a Madrid e o professor perguntou “O que você está fazendo aqui?”. E ele, então, respondeu “Você disse ontem que íamos a Madrid”. O que ele quis dizer é que iríamos, nós, a cátedra. É um plural majestático, que em outras línguas não se entende, mas que nós sabemos bem o que significa, não? Bom é um pouco jocoso, por um lado. Por outro lado, para potenciar nossa própria cultura, temos que fazê-los entender que a nossa cultura é tão válida quanto a deles. O que quero dizer é que, se você publica em alemão, inglês, francês ou italiano quando te convém, e sem dúvida convém, também é preciso publicar em sua própria língua e a ela fazer referência. Em primeiro lugar, creio que há investigadores ingleses irritados porque estamos maltratando o inglês. Não são a mesma coisa o inglês de Oxford e o inglês que nós falamos, particularmente eu, que não sou muito bom. Mas, fica claro que as limitações formais que temos ao

⁹ Cf. Manifesto. Disponível em: <https://www.change.org/p/uni%C3%B3n-europea-manifiesto-en-defensa-del-multiling%C3%BCismo-cient%C3%ADfico>. Acesso em 25/01/2021.

expressar nossas ideias em uma outra língua as torna mais pobres. Por outro lado, deve-se reconhecer que a tecnologia nos auxilia e, atualmente, é fácil traduzir textos quase que automaticamente. A cada dia se traduz com melhor qualidade. Naturalmente, há códigos. Me recordo de estar traduzindo um trabalho de minha autoria com o auxílio de um tradutor para o inglês. Quando escrevia “Direito Latino”, o tradutor mencionava “Direito da América Latina”, entendendo que o Direito Latino fosse o Direito na América. Mas, eu me referia aos Latinos de verdade, aos do Lácio, de dois mil anos atrás. De todo modo, bem...

(PPF): Continue, por favor.

(JR): Se você conhece bem a estrutura de uma outra língua, é fácil ou relativamente fácil traduzir um texto com o auxílio de um computador. E isto é uma técnica que continuará a se aperfeiçoar de maneira estupenda, de modo a permitir que possamos nos expressar em nossa própria língua que o outro será capaz de encontrar uma tradução cada dia mais próxima daquilo que você havia escrito ou pensado. Naturalmente, nos dias atuais, o inglês é a língua comum. Em um dado momento foi o Espanhol e também o Português. Talvez, daqui a pouco tempo, seja o Suaíli ou o Cantonês.

(PPF): Essa questão do idioma, digamos, é filosófica. Sabemos que todos os filósofos, de Platão a Heidegger, fazem o que você mencionou, a verificação sobre como se diz uma palavra, um conceito e quais são suas implicações. Então, quando se faz uma tradução, é preciso levar em conta, por exemplo, esses sentidos culturais, muito específicos, e que têm o mesmo significado em grego, inglês ou português. Deste modo, é necessário fazer explicações sobre isto, visto que é um ponto teórico muito importante. Bom, creio que Jorge continuará.

(JEO): Caminhamos, então, para a última pergunta. Acredito, porém, que ela está relacionada com o assunto que o Professor José Remesal comentou há pouco, nas últimas duas perguntas, a respeito das necessidades e benefícios de viajar e estudar em outros países, aprender seus métodos de trabalho, fazer parte de outros projetos, a questão dos idiomas e todos os problemas o que ela carrega. Então, a última pergunta para encerramos esta entrevista seria, na verdade, um pedido de conselhos. Que conselhos você daria àqueles que estão começando e aos que já são um pouco mais reconhecidos? Para todos, na verdade: como fazer um bom trabalho e sermos melhores naquilo que fazemos? Quais conselhos você teria sobre isso?

(JR): Creio que a ideia fundamental é estar apaixonado por aquilo que se faz, não? Fazer as coisas com real interesse. Mas, com interesse e satisfação pessoal, e não por ser algo apenas mecânico, como acabei de criticar. Me convidam a um congresso que fale sobre algo e alguém escreve coisas que não apresentam nada novo. É como Arnaldo Momigliano dizia: aquele que não tem nada de novo para dizer não é um historiador, mas um cretino. E acabamos cometemos crimes ecológicos, pois é por nossa culpa que se derrubam muitas árvores para fazer um papel que acaba valendo pouco. Em minha opinião, e é assim que tenho procurado atuar, digo que é necessário se apaixonar pelo que você faz e, naturalmente, ser absolutamente rigoroso ao analisar como você está produzindo seu processo de conhecimento. E também analisar como estão sendo produzidos o processo de conhecimento dos outros. Ao ler o artigo de uma pessoa que cita outras tantas, você lê, relê, e percebe como progride o conhecimento de cada um e como o seu próprio conhecimento progride em função desses mesmos conhecimentos. Acredito que com essa “*publiquite*”, que já critiquei aqui, a maioria das pessoas lê apenas o último livro. E este último livro os agrada, atribuem-lhe todas as ideias que não são deste último livro. Ainda que alguma possa até ser, mas as outras já têm um histórico e tiveram uma influência na formação do pensamento de cada um de nós. Quanto a isso, eu diria que precisamos ser rigorosos e enfrentar o problema da melhor forma. Momigliano já disse isso, como também já falou um poeta espanhol: você precisa se apaixonar e seguir em frente, seja por um objeto que à sua frente e que te chama a atenção, ou algo nascido de sua própria curiosidade. O estímulo pode acontecer ao ver um monumento, ou quando se pergunta como era a religião romana. Porém, uma vez que algo tenha te estimulado, é preciso seguir um rigoroso processo de aprendizagem, de crítica a si próprio, sobre como avança seu processo de consecução. Ter um cuidado especial também, e isso é um pecado grave em História Antiga, pois nosso grande problema é a falta de dados e acabamos por fazer suposições. É útil supor, pois precisamos de esquemas para tentar explicar. O problema, porém, é quando alguém começa fazendo uma suposição, o que é lícito, sobre uma base que ainda precisa ser verificada se é boa ou não, e acabamos por aceitar essa suposição. O mais grave é quando descobrimos, já ao final do livro, que aquilo que parecia uma suposição inicial era, na verdade, uma afirmação. Ou quando um leitor conhece a suposição de outro autor e, quando lhe convém, aproveita e a converte em algo seguro, em uma afirmação positiva. Acredito que já te enviei, Professor Funari: em nosso campo de estudos sobre a alimentação está na moda ultimamente a busca de indivíduos do *ordo* senatorial entre os personagens que intervêm no comércio. E eu escrevi, em relação à caça aos senadores, porque, ao

partirem de dados que são suposições e metodologicamente mal aplicados acabam enxergando até os imperadores negociando continuamente o nosso azeite. É totalmente descabido, não? Porque é incompleto. Bom, isto é uma coisa humana e que pode acontecer com todos. Temos uma ideia. Queremos coloca-la, reforçar essa nossa ideia.... e queremos ter êxito com nossa ideia. E, para isso, nos consola encontrar que alguém disse algo que te convém. Recordo-me de um dia, na Itália, uma jovem veio me cumprimentar depois de uma conferência em um congresso e me disse: “Ah, professor! Suas ideias são estupendas! Você pensa como eu!”. Sim, sim, só que eu pensei antes. É uma coisa humana, não? E como cientistas temos que aprender a ser rigorosos com nós mesmos.

(JEO): Me parece...

(JR): E somente escrever se tivermos algo novo a dizer. Senão, estaremos cometendo crimes ecológicos.

(JEO): Exatamente, são crimes ecológicos. A verdade é que são bons conselhos e que devem ser considerados. Então, terminamos por aqui e eu gostaria muito de te agradecer novamente, em nome da Revista Heródoto, sua disponibilidade e amabilidade em participar desta entrevista, professor. Muito obrigado.

(JR): Obrigado a vocês pela proposta.